



**Público**

28-10-2012

**Periodicidade:** Diário

**Classe:** Informação Geral

**Âmbito:** Nacional

**Tiragem:** 51453

**Temática:** Cultura

**Dimensão:** 1401

**Imagem:** S/Cor

**Página (s):** 30/31

# O mergulho da Gu

400 anos de pintura numa exposição que reúne na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, obras de importantes museus europeus, como o Prado e o D'Orsay. Monet, Turner e Ingres, ao lado de Vieira da Silva, Amadeo e Malhoa

## Exposição Lucinda Canelas

Está lá o mar das batalhas e o dos pescadores, o mar das caravelas e o das tempestades, o mar do hotel que inspirou Proust e o das mulheres que esperam, o mar dos naufragados e de todos os deuses, o mar de Sophia: "Chego à praia e vejo que sou eu / O dia branco.", escreveu ela. "É impossível pensar numa exposição sobre o mar e não pensar na Sophia de Mello Breyner, mesmo que não haja versos nas paredes, a poesia está na nossa cabeça", diz João Castel-Branco Pereira, comissário da exposição *As Idades do Mar*, que abriu na sexta-feira na sede da Fundação Gulbenkian, em Lisboa.

Até 27 de Janeiro, *As Idades do Mar* reúne 400 anos de pintura em 109 obras de 50 coleções privadas e pú-

blicas europeias, como a do Prado, de Madrid, a da Tate, em Londres, e a do D'Orsay, o museu parisiense a que pertencem dez das obras expostas. Castel-Branco Pereira, que é também director do Museu Gulbenkian, foi buscar grandes pintores internacionais, como William Turner, Arnold Böcklin, John Constable, Caspar David Friedrich, Gustave Courbet, Édouard Manet, Claude Monet, Edward Hopper e Francesco Guardi, e artistas portugueses como José Malhoa, João Vaz, António Carneiro, Amadeo de Souza-Cardoso e Maria Helena Vieira da Silva, para falar de um mar sem história, que sempre causou medo e fascínio. "Não queria que fosse uma exposição que desse muita atenção aos descobrimentos, isso já passou. Queria que mostrasse um mar mais largo, umas vezes emotivo, dramático, outras tranquilo, contemplativo."



Adão e Eva numa Bíblia do século XVII

## SEISES COLHAS DE JOÃO CASTEL-BRANCO, DIRECTOR DO MUSEU GULBENKIAN



**Paisagem com o Embarque de Santa Paula Romana em Ostia (1639-1640), de Claude Lorrain. Museu do Prado, Madrid**  
Pintura de um porto imaginado para um episódio de religião, é uma obra-prima do Prado.



**Nuvens de Verão, 1913, Emil Nolde. Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid**  
Obra moderna em confronto com outras antigas, em eficaz diálogo que revela profundas diferenças entre as linguagens nas permanências das emoções e sentimentos.



**Cala de San Vicente, 1919, Joaquín Sorolla y Bastida, Museu Sorolla, Madrid**  
O mar como puro pretexto numa pintura do Sul da Europa, assente na fantasia das formas e no devaneio luminoso das cores.

# Gulbenkian no mar

Entre o mar do prazer e o da morte, há uma série de narrativas que se divide por seis núcleos temáticos e um prólogo marcado por Guardi e Turner: de um lado, um casamento único, o de Veneza com o Adriático (*A Largada do Bucentauro*, 1765-1780), do outro um naufrágio violento (*Naufrágio de um Cargueiro*, c. 1810), que é um exemplar raro de dramatismo no acervo da fundação. “Costumo dizer que a coleção Gulbenkian é tranquila, com poucas imagens de morte e de guerra. Mas este Turner vai além do naufrágio – mostra um mar sublime, convoca os elementos, a força das ondas.”

Se Turner convoca os elementos – e a luz, um pouco mais à frente, em *Quillebeuf, Foz do Sena* (1833), com o dourado habitual e uma serenidade que é apenas aparente – o primeiro módulo da exposição chama por deuses e outros seres mitológicos, sem esquecer a Criação, com Adão e Eva nas páginas de uma Bíblia arménia do século XVII, tudo “porque a igreja católica também sentiu necessidade de arranjar histórias para explicar o inexplicável”.

O comissário começa aqui a mostrar que um dos seus objectivos é divulgar a obra de artistas menos conhecidos, insistindo em incluir portugueses porque “o catálogo vai circular e abre sempre uma janela pa-

ra a arte que se fez cá”. *Vénus Anadiómena* (século XIX), de Jean-Auguste Dominique Ingres, uma pequena pintura do Museu do Louvre que mostra a deusa do amor a nascer da espuma, aparece, por isso, junto a uma obra de Giulio Aristide Sartorio, “um quase desconhecido”, com uma sereia delicada de cabelos de fogo (*A Sereia*, 1893). “Este é um homem que viu os pré-rafaelitas. Há aqui uma composição cuidada, coreográfica. Esta é uma mulher lindíssima que desvia a nossa atenção das ossadas que estão no fundo.” As mesmas que encontramos num Böcklin que mostra um ninho de sereias que, em vez de caudas de peixe, têm pernas de galinha.

## Um caso estranho

Ao mar dos seres fantásticos segue-se o do poder com armadas reais, paradas náuticas, frotas mercantes e até batalhas navais, na pintura de Adam Willaerts e Heerman Witmont. Apesar do peso histórico dos descobrimentos portugueses, é holandês o império ultramarino mais representado, o que pode parecer estranho ao visitante. Será que os pintores portugueses, ao contrário dos escritores, não se deixaram influenciar pelo mar nos séculos da expansão? O ensaísta Eduardo Loureço, que assina um breve texto no catálogo, sublinha a ausência de referentes

nacionais: “É estranho que um povo e uma cultura que evocaram realisticamente a sua epopeia trágico-marítima e têm na *Peregrinação* uma vívida e precoce aventura, digna de Júlio Verne, não tivessem deixado de um tal combate, com os perigos do mar e os seus exaltantes desafios, uma imagem digna de memória.”

“Não sei explicar por que razão os pintores portugueses do século XVII não olharam para o mar”, diz o comissário, “sobretudo porque sentimos que o mar é muito nosso e porque, no final do século XIX e logo no princípio do XX, o fazem, basta ver as pinturas que aqui temos do [Henrique] Pousão, do João Vaz ou do Malhoa”. Estas obras concentram-se no mar como território de trabalho, como promessa de viagem, como espaço de lazer, tal como outras de Monet (*Hôtel des Roches Noires, Trouville*, de 1870, o tal que inspirou *Em Busca do Tempo Perdido*, de Proust), Joaquín Sorolla Bastida (*Figura de Branco, Biarritz*, 1906) e René-Xavier Prinet (*A Praia de Cabourg*, 1910, com o seu pequeno desfile burguês). O mar que é industrial e dado a tragédias parece ter cativado Amadeo – *A Chalupa* (c. 1914-1915), num azul vibrante, como se a embarcação estivesse imóvel numa torrente de água – e Vieira da Silva: os corpos esguios que parecem sair de um mar em chama-

de *Naufrage* (1944) impressionam.

“O mar sempre atraiu os pintores porque representá-lo é um desafio técnico e porque é imenso o poder simbólico que tem”, diz Castel-Branco Pereira frente a um De Chirico. “É uma entidade tão superior ao homem, tão incontrollável, que faz desencadear todos os tipos de sensações: melancolia, medo, vertigem, prazer...” A que se aliam dois elementos que se encontram numa das últimas pinturas da exposição, com uma serenidade que contrasta com as falésias que o mar destrói em Courbet ou o céu nublado de Emil Nolde: o efémero e o infinito. *Sinfonia*, de Giorgio Belloni (1906), quase nos faz acreditar que o mar vai entrar pela galeria e chegar aos nossos pés, com um cheiro e um som inconfundíveis. É uma paisagem sem figuras humanas que propõe o instante numa onda e a eternidade num espelho que parece não ter fim. “Quería terminar com um infinito misterioso. Quanto mais sabemos do mar, mais nos afastamos do desejo de o explicar.”

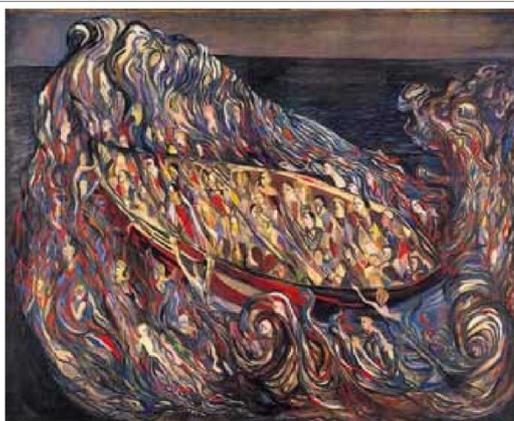
## 400 anos a pintar o mar

Exposição *As Idades do Mar*  
Fundação Calouste Gulbenkian,  
Lisboa, Até 27 de Janeiro

➔ Ver fotogaleria em  
[www.publico.pt](http://www.publico.pt)



**S. João Evangelista em Patmos (1514), do chamado Mestre da Lourinhã, Misericórdia da Lourinhã**  
Notável pintura que assim se dá a conhecer numa perspectiva ampla que é a da circulação internacional dos patrimónios.



**História Trágico-Marítima ou Naufrage, 1944, Maria Helena Vieira da Silva. Fundação Calouste Gulbenkian — Centro de Arte Moderna, Lisboa**  
A História de Portugal citada como metáfora social e trágica dos destinos de um povo e da sua nação.



**Rochedo Junto à Praia, c. 1820-1825, Gaspar David Friedrich. Staatliche Kunsthalle, Karlsruhe, Alemanha**  
Exemplo de como é possível encontrar grandes obras em colecções mais pequenas, trazendo ao convívio do público peças menos conhecidas, mas de superior qualidade.